

Nem todos concordam em economizar

Roosevelt Pinheiro

Os moradores dos Lagos Sul e Norte enfrentam todos os anos, durante os meses de julho, agosto e setembro, uma polêmica antiga com os técnicos da Caesb: como compatibilizar o uso de suas piscinas e a irrigação de suas áreas verdes, com a necessidade de se racionalizar o uso de água nestes meses?

A polêmica divide, até hoje, as opiniões dos moradores dessas duas privilegiadas áreas residenciais de Brasília. Para alguns, os jardins e as piscinas não podem, em hipótese alguma, deixar de serem tratados. As piscinas, em geral, são limpas de uma a duas vezes por semana, de acordo com a frequência com que são usadas. Os jardins e as áreas verdes, tanto pela necessidade de preservação estética, como pela própria sobrevivência das plantas, são regados diariamente, por esses moradores.

Para outros, toda essa rotina pode ser modificada, caso o racionamento seja uma solução de emergência para a manutenção do abastecimento. Ana Salina, moradora da QL 10, no Lago Sul, faz parte desse segundo grupo de moradores que abrem mão do uso de sua piscina — o que, na prática, diminui a frequência de trocas ou limpeza — nos fins de semana e aceita regar o seu jardim uma vez a cada dois dias, ao invés de todos os dias. Ela acha que muitos moradores usam excessivamente suas piscinas e gastam, água, além do necessário ao regarem os jardins.

Quem gasta

Mas existem os que não concordam com os técnicos da Caesb quanto à diminuição da frequência no uso das piscinas e da irrigação dos jardins. É o caso do morador Mauro Mendonça, também da QL 10, para quem o secretário de Serviços Públicos, José Carlos de Mello, “não se fundamenta em estatísticas corretas” ao afirmar, na última quinta-feira, que o Lago Sul gasta excessivamente água, em piscinas e irrigação.

Mauro trata de sua piscina uma vez por semana e é contrário à diminuição da irrigação nos jardins. Para ele, todo mundo no País está economizando — “dinheiro, gasolina e vestuário” — e não faz



Alguns moradores não querem abrir mão do verde e das piscinas

sentido, na sua opinião, racionar água somente no Lago Sul e deixar outros setores habitacionais do DF “gastando à vontade”.

Este morador, no entanto, acredita que a água deve ser usada com disciplina. “Pelo menos isso, porque o Governo não dá muitas mostras de disciplina nos gastos públicos, ao construir ciclovias e usar carros oficiais abusivamente, quando deveria aplicar o dinheiro que tem para resolver os problemas básicos da comunidade”, disse Mauro Mendonça.

Opção

O superintendente de Operação e Tratamento da Caesb, Irapuan Ribeiro, avalia a polêmica sob dois pontos de vista: “Como técnico, defendo claramente o uso racional da água, porque conhecemos, com a profundidade que a experiência de várias estiagens nos transmite, o quanto a população perde ao desperdiçar água, quando os reservatórios operam, como esse ano, com menor capacidade normal”.

Como cidadão, Irapuan Ribeiro acha que cada um tem o direito de optar pelo uso, racional ou não, do que dispõe. Para ele, o racionamento global de água no Distrito

Federal, acabaria, pela lógica, afetando a todos — “ricos e pobres”. Na sua opinião, como usuário, “o bom senso na economia de água, em épocas de estiagem, é fundamental para que o racionamento não seja uma solução de emergência, e ruim para a população do DF”.

Gastos do GDF

O governador José Aparecido determinou ontem a diminuição do consumo de água por todos os órgãos que compõem o complexo administrativo do Governo do Distrito Federal, inclusive na Granja de Aguas Claras. As medidas de racionalização do uso da água serão adotadas com base em orientação da Caesb.

A Caesb vai distribuir notas de esclarecimentos para todos os órgãos do GDF, que atingirão desde a diminuição da irrigação contínua — que passará a ser feita apenas na quantidade suficiente para garantir a vida das plantas e gramados — até à restrição nas lavagens de instalações das repartições públicas. As medidas serão mantidas até que termine o período de seca em Brasília.